

**FAAT – FACULDADES
CURSO DE PSICOLOGIA**

GISLEINE DESTRO

**ALCOOLISMO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL
SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL NA CONTEMPORANEIDADE**

**ATIBAIA
2017**

GISLEINE DESTRO

**ALCOOLISMO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL
SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel no curso de Psicologia, da FAAT
- Faculdades, sob orientação do Prof. Ms
Émerson Domingues da Silva

**ATIBAIA
2017**

CURSO DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

Termo de Aprovação

GISLEINE DESTRO

**Título: Alcoolismo: uma análise fenomenológica existencial sobre o consumo de álcool
na contemporaneidade**

Trabalho apresentado ao Curso de graduação de Psicologia, para apreciação do professor orientador Ms. Émerson Domingues da Silva, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Conceito _____.

Atibaia, SP, 13 de Dezembro de 2017.

Prof. Ms. Émerson Domingues da Silva

Dedico este trabalho a todos os homens - irmãos e irmãs que possuem fé e buscam sentidos às suas vidas por mais difícil que seja a jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à natureza divina, por estar viva e a qual me faz contemplá-la todos os dias nas formas do céu, do ar, do mar, das estrelas, do vazio e das infinitas possibilidades.

A meus pais Eunice e João que me fizeram perfeita e deram todo apoio possível, ao modo de cada um, oferecendo oportunidades para eu crescer e amadurecer.

A meu amado filho Diego. Todo lindo, inteligente, saudável, alegre e parceiro.

A minha avó Alberta (in memoriam) pelo exemplo de honestidade.

Ao restante da minha família, incluindo tia Neusa, tia Angelina, tia Helena, tio Durvalino, outras tias e tios, primas e primos, pela convivência harmoniosa e alegre.

A todas minhas amigas-irmãs e amigos-irmãos que mesmo distante estamos próximos.

Aos colegas de trabalho e pacientes da instituição CAPS AD de Bragança Paulista, também pela harmonia e alegria, bem como pela riqueza que pude vivenciar nessas relações.

A meu orientador Émerson pela disponibilidade, dedicação e compreensão ao trabalho.

A todos os professores que também contribuíram na qualificação de minha formação, mas em especial às mulheres: Tatiana, Ana Cláudia, Paula, Cristiane e Maria Cristina. Mesmo sendo de diferentes abordagens, agregaram-me profundo valor.

E por fim, a todos os seres humanos que poderão vir a se beneficiar deste trabalho de algum modo.

“Nenhum pássaro jamais saberá cantar se a música não existir em mim. Nenhum pôr do sol, nem a voz da criança, a chuva, o abraço, a presença, nada carregará nenhum tipo de beleza se, em minha interioridade, predominar a escuridão”.

Flávio Siqueira (2014, p. 173)

RESUMO

O presente trabalho visa compreender a relação entre o sujeito e o uso do álcool na contemporaneidade, buscando seu sentido e como esse veio se transformando ao longo da história, por meio de uma revisão bibliográfica. Utilizou-se como ponto de partida considerações acerca do prazer e sofrimento vivenciados pelo homem nesse contexto, mais especificamente, até que ponto o uso de álcool pode ser considerado uma psicopatologia, isto é, um modo de ser-doente, ou, por outro lado, quais são as possibilidades do sujeito aproveitar a vida em todo seu vigor existencial, em seu modo de ser-saudável. O uso do álcool existe desde os tempos mais remotos segundo dados históricos, assim, possui significados amplos e diversos para as sociedades do mundo. Por conta das dificuldades enfrentadas na tarefa de traçar uma linha conceitual sobre as manifestações dos fenômenos ocorridos com os sujeitos dentro dessa dinâmica, são de fundamental importância maiores investigações e desenvolvimento de abordagens que se dediquem ao sujeito em seu modo integral, na singularidade de sua condição humana, rompendo com preceitos e/ou expressões inautênticas acerca do alcoolismo. A escolha por um olhar da fenomenologia-existencial se fundamenta na possibilidade de compreender o sujeito em seu modo excepcional, buscando sentido à sua existência, assumindo-o como um ser livre para escolhas e com infinitas possibilidades, podendo-o vislumbrar por uma vivência de maior presença e significância.

Palavras-chave: Alcoolismo. Contemporaneidade. Fenomenologia-existencial.

ABSTRACT

The present work aims to understand the relationship between the citizen and the use of alcohol in the contemporary world, seeking its meaning and how it has been transformed throughout history, through a bibliographical review. Considerations about the pleasure and suffering experienced by man in this context were used as a starting point, more specifically, how far the use of alcohol can be considered a psychopathology, that is, a kind of sickness or, on the other hand, what are the possibilities of the subject to enjoy life in all its existential vigor, in his/her way of being healthy. The use of alcohol has existed since ancient times according to historical data, thus it has vast and diverse meanings for the world societies. Due to the difficulties faced in the task of drawing a conceptual line on the manifestations of the phenomena taken with the citizens within this dynamic, further investigations and development of approaches are of fundamental importance to the citizen in its integral mode, in the singularity of its human condition, breaking precepts and/or inauthentic expressions about the alcoholism. The choice for a look at existential phenomenology is based on the possibility of understanding the citizen in his/her exceptional way, seeking meaning to his/her existence, considering him/her as a free being for choices and with infinite possibilities, being able to glimpse it by an experience of greater presence and significance.

Key words: Alcoholism. Contemporaneity. Existential phenomenology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A HISTÓRIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA SOCIEDADE.....	16
1.1 O uso de álcool através da história: aspectos gerais do consumo de bebidas alcoólicas na sociedade.....	16
1.2 O vinho e a cerveja.....	18
1.3 As bebidas destiladas.....	24
2 O CONSUMO DE ÁLCOOL CONSIDERADO COMO UMA PSICOPATOLOGIA.....	26
2.1 O uso do álcool: a doença.....	26
2.1 O alcoolismo e a sociedade.....	30
3 O ALCOOLISMO E A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende compreender o sentido do uso de álcool na contemporaneidade e como esse veio se transformando ao longo da história, utilizando como ponto de partida considerações acerca do prazer e sofrimento vivenciados pelo homem nesse contexto. Mais especificamente, investigar até que ponto o uso de álcool pode ser considerado uma psicopatologia, isto é, um modo de ser-doente, ou, por outro lado, quais são as possibilidades do sujeito aproveitar a vida em todo seu vigor existencial, em seu modo de ser-saudável, permitindo uma experiência agradável nessa dinâmica conceitual.

Existem relatos do uso de álcool nas histórias mais remotas da sociedade. Por volta de 2.200 a.C., a cerveja era aconselhada como fortificante para mulheres que estivessem amamentando (BERTONI, 2003). O vinho por sua vez, é um alimento rico em calorias e imprescindível para o consumo em alguns países europeus e era muito estimado na antiguidade. Para a região que margeiam o Mediterrâneo, o vinho representou uma geração complexa, pois incluiu o trabalho do homem em inúmeras sociedades e seus conhecimentos étnicos e culturais sucederam há milênios (GUARINELLO, 1997).

Também considerado uma bebida especial, reservada aos reis, deuses e aristocratas, o vinho difundiu-se progressivamente, acompanhando as tramas das sociedades mediterrâneas. Na cidade de Atenas, a vida em sociedade era orientada por festas dedicadas a Dionísio, deus do vinho, sendo, portanto, consumidas grandes quantidades de bebidas. Essas situações eram narradas vezes outra nas comédias de Aristófanes¹, por meio de representações de homens ricos ou pobres, mulheres e escravos, bebendo sozinhos ou acompanhados de forma abundante (GUARINELLO, 1997).

Dionísio, conhecido por Baco entre os gregos, tinha como características ser profundo conhecedor da videira, dotado de personalidade que oscilava entre o sentimento de contentamento ou prazer excessivo, e o da brutalidade. Sendo assim, foi comparado com o vinho: se bebido com moderação aquecia os corações, entretanto, caso consumido sem medidas, causava falta de clareza e comportamentos degradantes (SOUSA; NUNES; GONÇALVES, 2006).

Ainda sobre a história do vinho, a Bíblia (GÊNESIS 9-10) diz que Noé ao plantar a primeira vinha, bebeu seu vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de uma tenda. Já época de Cristo, o vinho era partilhado em festas e celebrações, o qual Jesus chegou a transformar água

¹ Dramaturgo do século V a.C., considerado o maior representante de comédia na Grécia Antiga.

em vinho como milagre para a celebração de um casamento em Caná da Galiléia (BÍBLIA, João, 2, 1-2):

Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: ‘Enchem de água esses potes.’ Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: ‘Agora tirem e levem ao mestre-sala.’ Então levaram ao mestre sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha (BÍBLIA, João, 2, 1-2).

Segundo João (BÍBLIA, 2, 1-2) o milagre acima revelou um ponto de vista simbólico: o casamento representando pela união de Deus com a humanidade, através da figura de Jesus (Deus-e-homem). Em outras palavras, “sem Jesus, a humanidade vive uma festa de casamento sem vinho”.

Aos poucos, de rituais específicos o vinho começou a relacionar-se com riquezas devido à mão-de-obra escrava na Itália, por exemplo, e a expansão e diversificação nos os meios de produção tornou-o um agente civilizador em outras regiões. O vinho assumiu um papel importante na economia e era visto como muito mais que uma simples bebida (GUARINELLO, 2008).

Os antigos o consideravam, ao mesmo tempo, como bebida divina, remédio poderoso, presente em quase todas as receitas médicas (mesmo nas de veterinários), um alimento essencial, instrumento de sociabilidade, fonte inigualável de prazer, mas também de vício, símbolo de *status* social, mas também de degradação moral. Para essas culturas, o vinho deixou marcas em todas as dimensões da vida social. (GUARINELLO, 2008, p. 194).

Além disso, nos relacionamentos humanos, o vinho servia para a separação de classes: adultos de crianças; homens de mulheres; ricos de pobres. Diferenciava as pessoas pelos diferentes tipos de vinho que se servia, podendo ele ser de boa ou má qualidade, assim como o grau de proximidade com o anfitrião. Na atualidade o vinho é avaliado pelo preço (GUARINELLO, 2006).

Perante dados dos relatos históricos, observa-se que as manifestações acerca do uso de álcool são encaradas de formas diferentes no que se refere ao tempo e cultura. Durante o período da antiguidade, o uso de álcool referia amplamente aos prazeres vivenciados pelo homem, no entanto, ressaltando-se desde que nesse houvesse moderação. O vinho e a cerveja circulavam pelas sociedades e fazia parte do cenário comum.

Segundo Bertoni (2003), o homem tem como propósito descobrir sensações novas e prazerosas, acreditando que a felicidade está associada a essas. Principalmente na sociedade atual, onde o consumo é exacerbado, tal felicidade é passageira, pois nunca poderá ser

satisfeita se sua conquista for somente pelo fato de poder consumir. O hábito de se consumir álcool, moderadamente ou “socialmente”, pode vir a tornar o sujeito um alcoolista.

Muitas literaturas trazem dados de que o consumo de bebidas fermentadas, o vinho e a cerveja, desde que seja feita moderadamente, trazem benefícios ao organismo do homem. Por outro lado, quando o alcoolismo se fundou, traz junto efeitos colaterais devastadores no organismo do homem. Em muitos casos, a relação entre o sujeito, consigo mesmo e com o uso abusivo do álcool estará marcada não só em seu próprio corpo, mas as consequências serão apresentadas em situações que podem ser sentidas em sua totalidade existencial, pois vão além de seus limites corpóreos (CAMON, 2003).

Não obstante ao contexto histórico e tendo em vista a força do poder cultural e social e, sobretudo, individual na caracterização dos modos de ser relativo ao uso de álcool, eis a questão: Qual é o sentido do consumo de álcool na contemporaneidade, já que muitos dos conceitos e hábitos vêm se modificando por meio de significados que suscitam vezes experiências de prazer, outras de dor e sofrimento?

Ora, dentro da graduação do curso de Psicologia da FAAT, em agosto de 2015, a aluna-pesquisadora realizou um estágio da disciplina *Práticas Psicológicas em Instituições de Saúde I* na instituição CAPS AD localizada na cidade de Bragança Paulista - SP. Nesta instituição – CAPS AD – são acolhidos pacientes que são usuários de álcool e outras drogas. Tais pacientes, muitas vezes chegam com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas. A instituição os acolhe para tratamento e recuperação tendo como finalidade a redução de danos e incentivo a novos hábitos. Ela também tem como proposta a diminuição de internações hospitalares para desintoxicação e outros tratamentos, e conseqüentemente, a reinserção social de cada sujeito.

Por meio de alguns grupos com temas, tais como Motivacional e Família, vivenciou-se a intensidade do processo grupal, se dando por inúmeros sentimentos que talvez não pudesse a todos nomeá-los de imediato. Todavia, afirmou-se que o sentimento de pertencimento, ou seja, de fazer parte daquele grupo, foi inevitável. Sentiu que estava no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas em diversos momentos, pois muitas das aulas que havia assistido durante a grade curricular do curso fizeram-na sentido. Viu ali o sujeito que sentia, sendo possuidor de subjetividades, assim como o profissional que o escutava e que também era possuidor de subjetividades, ocorrendo com isso vários fenômenos ao mesmo tempo.

Desde a observação da formação dos grupos até as possíveis práticas psicológicas pertinentes a cada caso em particular, fê-la entender o porquê escolheu fazer Psicologia, ou

melhor, pôde compreender também que observar o sujeito é observá-lo em sua totalidade, no estado complexo de ser dentro do contexto no qual está inserido.

Tal primeira experiência de estágio, tornou algo gratificante, fazendo-a querer compreender mais sobre a temática do uso de álcool e outras drogas². Entretanto, no presente estudo atentou-se para investigar qual o sentido do uso de álcool na contemporaneidade, já que compreender o sujeito em sua totalidade vai de encontro pela busca dos significados nas relações estabelecidas do mesmo com o uso álcool propriamente dito não tão somente no contexto institucional, mas em outras áreas da vida.

Outra razão especial, diz respeito à importância do olhar fenomenológico-existencial para com o tema que se coloca em destaque os prazeres e contrariedades vivenciadas pelos sujeitos nas relações com o uso do álcool. Sobretudo, por mais difícil que seja a tarefa de traçar uma linha conceitual sobre as manifestações de certos fenômenos ocorridos com sujeitos dentro dessa dinâmica, é de fundamental importância investigação dessas manifestações. Isso se deve ao fato de que mesmo com tantos avanços científicos e tecnológicos na área da saúde, não há como negar os preconceitos existentes em torno daquele que se encontra, em dado momento da vida, destituído de respeito e dignidade por conta do modo abusivo ou compulsivo do uso de álcool.

Mesmo com o incentivo massivo da mídia ao consumo do álcool, e esses relacionarem às práticas como sendo positivas, tornam-se incontestáveis sobre os danos produzidos em decorrência de tal fato, gerador de angústias, dores e até mesmo a morte. Há os que acreditam que os problemas do alcoolismo são decorrentes de processos puramente emocionais ou familiares, sendo esses julgados e discriminados. Essa visão se ampara pela convicção de que tal problema está estritamente ligado ao sujeito, excluindo totalmente a responsabilidade que poderia envolver as políticas públicas e sociais.

A importância da reflexão histórica, social e cultural sobre o consumo de álcool também se soma a proposta deste objeto de estudo, uma vez que o surgimento de novas formas de compreensão e maneiras de lidar com o alcoolismo, muitas vezes, pode se constituir a partir de novas formulações e pressupostos teóricos e, conseqüentemente, novas propostas de intervenções psicossociais possam surgir. Lançar mão de novos olhares para o assunto, além de ampliar o conhecimento, pode promover lutas e manifestações sociais numa

² Este trabalho irá focar apenas no contexto que envolve o uso de álcool, contudo, com pretensão discutir a questão de outras drogas em outro momento, talvez numa próxima pesquisa.

determinada época e cultura que as necessite, bem como obter um meio da população se organizar rumo à busca de maior igualdade, liberdade e responsabilidade.

Heidegger (1995 apud BRUNS e HOLANDA, 2007) através da expressão Ser-Aí (Dasein), define o homem como um ser que constrói seu modo de ser, sua existência, sua história por meio da própria “pre-sença” no mundo. Este é considerado ser-no-mundo, envolvendo relações de afetividade, compreensão e linguagem com os outros homens. Em outras palavras, o homem é um ser-no-mundo, pois está sempre em relação com algo ou com alguém e por meio de suas experiências atribui sentidos à sua existência dentro de um espaço e tempo (FORGUIERI, 2011).

A partir dessa perspectiva, quando “o homem em sua relação consigo e com o mundo encontra-se consideravelmente restringida”, de forma com que não consiga se abrir a novas possibilidades, pode-se dizer que ocorre seu adoecimento existencial. Esse acaba por não reconhecer e compreender que as relações ora são satisfatórias, outras angustiantes, todavia, suas experiências ocorrem apaticamente, incluindo dores e restrições prolongadas, em forma de intenso sofrimento (FORGUIERI, 2011).

Nesse caso, o sentido do uso de álcool poderia estar relacionado tanto a maneira como o sujeito vivencia um período de vida em sua forma sadia ou, ao contrário, de forma perturbadora e não dispendo “livremente e nem normalmente de todas as possibilidades de relações que poderia manter com o mundo” (BOSS, idem apud FORGHIERI, 2011). Perante um olhar fenomenológico-existencial, o sujeito ao ser compreendido em sua totalidade, assumindo-se como um sujeito de escolhas e possibilidades, vislumbra por uma vivência de maior presença e significância. Aí está a diferenças dos encontros entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida e aquelas que transformam a vida.

Outras explicações são dadas para o uso do álcool, especialmente se esse uso transforma-se em patologia, identificado pelo Manual diagnóstico e estatístico atual (DSM V) como parte do grupo de transtornos relacionados ao uso de substância. Junto com as demais drogas, pode estar entre as categorias de abuso episódico, abuso contínuo e dependência, trazendo grandes considerações acerca de predisposições genéticas e padrões em mudanças comportamentais (CIRIBELLI, 2012). Tais explicações são abrangentes e necessitam maiores observações como veremos mais adiante.

Para tanto, a reflexão histórica, social e cultural sobre o uso do álcool são de suma importância para a construção (ou desconstrução) da proposta de estudo, já que pode revelar o surgimento de novas ideias e formas de compreensão acerca de como lidar com a temática

relativa aos prazeres e sofrimentos existenciais em decorrência do uso do álcool, juntamente com o intuito de aprimoramento científico dentro da profissão futura por meio de respaldo técnico-teórico da abordagem fenomenológica-existencial.

Na contemporaneidade, o uso do álcool se mostra algo comum desde os tempos mais remotos na maioria das sociedades, assim, os sujeitos podem trazer vivências bem distintas e muito importantes quando fazem uso do mesmo na nova época. Essas vivências muitas vezes são demonstradas de forma intensa, chegando até mesmo influenciar outros aspectos do cotidiano, e é isso que também faz o tema tornar tão interessante a ponto da aluna-pesquisadora querer buscar mais no campo de pesquisa, trazendo contribuições não só para a ciência em si, mas para a população em geral.

Logo, a pesquisa em questão se apoia numa revisão de literatura. Surge no primeiro capítulo a construção histórica do uso de álcool pelos homens, ressaltando, principalmente, os pontos positivos das relações nesse consumo.

No segundo capítulo, apresentam-se a desconstrução referente ao uso do álcool no período anterior, sendo apontado pela modernidade como uma patologia. Retrataram-se aspectos ainda com bases históricas da cultura do homem, embora relacionados mais especificamente aos “desprazeres” de suas vivências.

Por fim, no terceiro capítulo e nas considerações finais surgem os contrapontos da revisão literária acerca do tema perante um olhar fenomenológico-existencial e uma breve síntese da pesquisa realizada com intuito de propor pistas para que haja continuidade desta ou execução de novas investigações.

1 A HISTÓRIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA SOCIEDADE

1.1 O uso de álcool através da história: aspectos gerais do consumo de bebidas alcoólicas na sociedade

O uso do álcool abrange diferentes aspectos da cultura do homem. Recursos econômicos e sentidos culturais acometem as bebidas alcoólicas de amplos significados (CANEIRO, 2005). Alguns desses significados poderão ser explorados por meio de sua origem e evolução situados neste trabalho, pois constituiu um marco de suma importância no contexto histórico da humanidade.

Existem relatos acerca do uso de álcool nos contos mais antigos da sociedade. O ato de beber álcool não era considerado solitário, pois era comum em festas e banquetes aristocratas. As formas coletivas de se obter a bebida alcoólica transformou o poder econômico, socializando povos. Para tanto, o homem organizou-se em terras produtivas, aprendizagens voltadas para o cultivo das plantas nativas, desenvolveu inúmeros instrumentos e meios de locomoção para fins de expansão comercial. Todo esse processo ocorreu gradualmente, e foi a partir da Idade da Pedra Polida (período Neolítico), na qual o homem deu início às tarefas de cultivar plantas e animais, em que o uso do álcool despontou. Assim, adentrou como um novo componente constituidor de partilhas, atribuindo sentidos passíveis de modificações temporais (BERTONI, 2003; CARNEIRO, 2005; GUARINELLO, 2008).

O partilhar do uso da bebida alcoólica, podendo ser tão antigo como o partilhar da comida propriamente dita, era cometido até mesmo por espécies de animais. De acordo com Lapate (2001, apud BERTONI, 2003), os homens primitivos e os animais em geral, ao buscar relaxamento e prazer, obtinham o comportamento alterado por meio do uso de frutas fermentadas. Primeiramente, o homem observou os animais e, após, começaram a consumir suco de frutos fermentados com conteúdo alcoólico (BERTONI, 2003).

Na sociedade primitiva o que distinguia o ato de beber álcool entre o homem e os animais eram os sentidos atribuídos ao mesmo, já que o primeiro foi, e é capaz de organizar regras de civilização e de hierarquias, bem como avaliar a própria qualidade do produto. Por volta de 2.200 a.C., a cerveja era aconselhada como fortificante para mulheres que estivessem amamentando (BERTONI, 2003). O vinho por sua vez, é um alimento rico em calorias e imprescindível para o consumo em alguns países europeus, sendo igualmente estimado na antiguidade. Para a região que margeiam o Mediterrâneo, o vinho representou uma geração

complexa, pois incluiu o trabalho do homem em inúmeras sociedades e seus conhecimentos étnicos e culturais sucederam há milênios. (GUARINELLO, 1997).

Além disso, nos relacionamentos humanos, o vinho serviu para a separação de classes: adultos de crianças; homens de mulheres; ricos de pobres. Diferenciava as pessoas pelos diferentes tipos de vinho que se servia, podendo ele ser de boa ou má qualidade, assim como o grau de proximidade com o anfitrião. Na atualidade o vinho é avaliado pelo preço (GUARINELLO, 2006). Logo, os mesmos sentidos investidos no uso do álcool que serviam para aproximar as pessoas, podiam concomitantemente servir para estabelecer limites socioculturais.

Outra guisa de separação sociocultural por meio do vinho referiu-se às questões religiosas. Segundo Carneiro (2005), a alimentação sempre foi relacionada a conteúdos simbólicos pelas diferentes culturas humanas, cujos sentidos atualmente são classificados em religiosos e políticos. Esse aspecto é perfeitamente relevante à construção histórica da bebida alcoólica, visto que o hábito de beber álcool pôde revelar um progresso cultural em seus meios de produção e reprodutividade, estando ao mesmo tempo ligado a princípios éticos e morais.

A identidade religiosa é, muitas vezes, uma identidade alimentar. Ser judeu ou muçulmano, por exemplo, implica, entre outras regras, não comer carne de porco. Ser hinduísta é ser vegetariano. O cristianismo ordena sua cerimônia mais sagrada e mais característica em torno da ingestão do pão e do vinho, como corpo e sangue divinos (CARNEIRO, 2005, p. 72).

Assim sendo, os preceitos divinos acerca do vinho referiam-se ao alimento da alma, não somente do corpo. Hoje é considerado como um alimento-droga, com efeito psicoativo, mas em diversas religiões foi considerada como uma bebida sagrada e divinizada (CARNEIRO, 2005).

Já com relação aos aspectos de produção e reprodutividade, o vinho esteve presente nas diversificadas mãos de obra. Estabeleceu laços econômicos desde ao próprio cultivo da planta videira, produção de recipientes para armazenamento, até mesmo ao seu tráfico essencial para expansão de riquezas. Nesse último caso, a riqueza não era estável no mundo antigo, pois o cultivo da videira exigia cuidados especiais e contínuos, sendo muito sensível ao solo lançada. Portanto, representou um caminho fundamental para a pequena e média exploração daquele que se adaptava melhor a ele. (GUARINELLO, 1997).

Perante dados históricos, observou-se que as manifestações envolvendo o uso de álcool foram encaradas de maneiras diferentes no que se refere ao tempo e cultura. Durante o

período da Antiguidade, o uso de álcool se referiu amplamente aos prazeres vivenciados pelo homem. O vinho e a cerveja circulavam pelas sociedades e fazia parte do cenário comum.

Atualmente, o álcool é uma substância lícita produzida pela fermentação de açúcares comuns em cereais, raízes e frutas. A variedade de bebidas com teor alcoólico é grande, tendo o vinho e a cerveja, que derivam do processo de fermentação, enquanto que dentro do processo de destilação, tem-se o whisky, gim, licores, vodka e a cachaça. Essas últimas possuem maiores porcentagens alcoólicas, tornando-as mais potentes (CISA, 2017).

1.2 O vinho e a cerveja

A origem das bebidas fermentadas - o vinho e a cerveja - confundem-se no tempo. A cerveja, cuja semente brotada é o malte, estão ligadas à propagação de certos cereais, sobretudo o centeio e a cevada, principalmente nas regiões euro-asiáticas. No Oriente e nas Américas, deu-se o mesmo com o saquê do arroz e com as chichas de milho respectivamente (CARNEIRO, 2005). Por volta de 3.200 a.C., o povo da Suméria consumia a cerveja, à qual estava incorporada crenças mitológicas, religiosas e ao poder econômico social. Essa era considerada como um alimento de suma importância tanto no cotidiano como em ocasiões especiais (DIAS, 2008).

Assim como o vinho, a cerveja surgiu ao acaso, no Período Neolítico. Por meio de mãos femininas, responsáveis pelo trato dos alimentos, demonstra-se em registros por quem foi exatamente criada. Nas regiões da Mesopotâmia e do Egito, a cevada brotava e permitiu a criação da cerveja à base de gramínea (MARCENA, 2015).

Num dia, mais especificamente em Mesopotâmia, em que uma senhora esqueceu um recipiente cheio de grãos fora de casa, na chuva, se enchendo de água, se deu início ao processo de malteação. Com o passar do tempo, tal ato tornou-se costume, sendo passado de geração a geração pelas senhoras responsáveis por plantações de alimentos nos lares. E o que era produzido em casa, passou a fazer parte da renda extra da família, aumentando a quantidade produzida, bem como seus consequentes rendimentos. As mulheres que produziam pão e cerveja tinham elevadas reputações, sendo até mesmo requisitados os utensílios para sua produção em enxovais de noivas da época, além de servir para fins medicinais e cosméticos (SILVA, “sem data”; COELHO-COSTA, 2015). Por muito tempo a cerveja passou a ser chamada de pão líquido, sendo considerada rica em vitaminas e minerais

(BELTRAMELLI, 2013 apud SILVA, “sem data”). Lembrando que na época a água era poluída e não existia tratamento adequado para torná-la potável.

À cerveja, também se faziam referências míticas. Em diversos povos existem histórias dignas de atenção. Uma delas diz respeito à própria receita da cerveja, gravada em uma placa de barro com data de aproximadamente 4.000 a.C., em forma de um poema. Esse é dedicado à *Ninkasi*³, deusa que protegia a cerveja, segundo os sumérios (MARCENA, 2015). Eis alguns fragmentos do poema de acordo com Beltramelli, 2012 apud Marcena, 2015:

“Você é a única que rega o malte (...)
Ninkasi, você é a única que embebe
o malte em um cântaro (...)
Você é a única que segura com ambas as mãos
o magnífico e doce sumo,
Fermentando-o com mel e vinho (...)
Quando você despeja a cerveja filtrada
do barril coletor,
é como os barulhos dos cursos
do Tigre e do Eufrates”.

Conforme registros encontrados, vale ressaltar que a cerveja, associada ao mundo há milênios, mostra-se uma bebida fortemente associada às mulheres, ao contrário, do que por muito tempo depois se mostra ligada ao gênero masculino (MARCENA, 2015).

Esse meio de produção artesanal da cerveja se deu até por volta do século IX, onde monges beneditinos alemães iniciaram novos meios de produzi-la. Por motivos religiosos, sua produção passou a ocorrer em larga escala, tendo como intuito principal o de substituir alimentos mastigáveis, considerando que na Quaresma só era permitida apenas uma refeição diária nos mosteiros medievais. Com isso, consumia o pão em sua forma líquida - pão líquido, a cerveja, a fim de iludir a fome (COELHO-COSTA, 2015). Na cultura germânica tornou-se um símbolo “e os pagãos usam-na em seus rituais para marcar sua oposição à sacralidade cristã do vinho” (MONTANARI, 1998 apud COELHO-COSTA, 2015).

Houve, então, a constante reestruturação de barris a partir dos mosteiros, pois a cerveja caiu no gosto dos religiosos que conviviam ali. Todavia, era preciso tirar o rótulo de pagão, tornando-a pura perante os bárbaros (MARCENA, 2015). A Igreja Católica foi única instituição considerada importante que restou nas regiões ocidentais, após a degradação do Império Romano. Antes, essa via a cerveja como uma extensão do mau, logo, abominava as práticas dos sujeitos ditos pagãos e fazia campanha contra o uso da cerveja, já que associava aos costumes barbarescos (CARNEIRO, 2005 apud MARCENA, 2015). No entanto, esse tipo

³ Deusa suméria da cerveja. Seu nome significa “senhora que enche a boca”. Nasceu em águas frescas e cintilantes para “saciar desejos” e “satisfazer corações” segundo a mitologia.

de bebida era de grande valia para trocas, sendo utilizada como moeda viva para pagamentos de dízimos e prestação de impostos na Europa (MARCENA, 2010). Dado valor expressivo, a produção de cerveja foi evoluindo através dos séculos.

Um marco da produção da cerveja ocorreu em 1.040 na Alemanha, onde monges beneditinos de Weihestephan foram os primeiros a fabricar e vender profissionalmente a cerveja. Weihestephan é considerada a cervejaria mais antiga do mundo (MARCENA, 2015).

No Brasil, diversos grupos indígenas faziam uso de bebida fermentada à base de mandioca (cervejas de milho) ou do caju, chamada de cauim (*ka'wi*, entre os tupinambás ou *caguy*, entre os guaranis). As cervejas de milho cumprem um papel ritualístico de passagem até os dias atuais. Muitos são os registros evidenciam o uso de bebidas fermentadas entre os índios das Américas desde o século XVI (MARCENA, 2015). Seja em comemorações intragrupos ou intergrupos locais, a cerveja era muito esperada entre os índios da Amazônia também, ou melhor, seus efeitos embriagantes. Caso não estivesse presente a cerveja em certos acontecimentos, seria como se estivessem praticando festas impuras. Esse foi outro marco para a promoção, assim, da cultura da embriaguez (MARCENA, 2015).

No entanto, voltando para a Antiguidade, a cerveja, que era bebida predileta nas regiões da Mesopotâmia, Egito e Gália, levava uma situação contrária aos aristocratas gregos e romanos, os quais veneravam a bebida trazida por Dionísio, o vinho. Além de não estar atrelada ao Panteão⁴ grego em forma de divindade, a cerveja era vista como uma bebida consumida pelas classes menos favorecidas, em regiões normalmente de domínios romanos, já que Roma fazia questão de difundir seus hábitos culturais aos povos conquistados (MARCENA, 2015). “Muitos dos romanos consideravam a bebida desprezível e típica de povos bárbaros” (COELHO-COSTA, 2015, p. 23).

Segundo Guarinello (2008), o vinho se opunha às culturas das cervejas com o qual fazia fronteira, deixando sua marca nas sociedades que sucederam o Mediterrâneo. Sendo produzido pelo homem por meio da transformação da planta videira, é quase que impossível delimitar a origem de sua domesticação e de sua primeira transformação, mas podendo inferir-se por volta de 4.000 a. C. Foram identificáveis os primeiros indícios cultivados da videira nos países como a Ucrânia, a Itália, a Sicília e a Síria pelas formas das sementes, e encontradas em escavações arqueológicas, e nos mil anos seguintes, houve sua expansão no

⁴ Templo consagrado pelos gregos e romanos a todos os deuses.

Oriente Médio. Mais especificamente apareceu no Mar Egeu, na Palestina, no Egito e mesmo no Irã. Esses dados não descartam a possibilidade do vinho ser mais antigo do que a cerveja.

Sobre indícios da existência da produção do vinho, por incrível que pareça, pode-se afirmar que a primeira prova concreta partiu de escritas vindas das terras tradicionais da cerveja, tais como Egito, época dos primeiros faraós, e sul da antiga Mesopotâmia, atual Iraque. O vinho poderia ser produto de importações, já que era rara essa bebida nesses lugares. Na Península da Anatólia, atual Turquia, os primeiros escritos datam entre 1.600 e 1.440 a.C., mostrando uma bebida de luxo ofertada aos deuses, aos reis e à aristocracia. No entanto, até mesmo antes do desenvolvimento da produção agrícola, há cerca de treze mil anos atrás, uvas silvestres eram consumidas na Idade da Pedra Lascada - Paleolítico. Os primeiros dados arqueológicos da domesticação da videira datam de cerca de 2.400 a.C.. Já sobre o consumo de vinho, os testemunhos mais antigos dizem que ocorreram há 1.800 a. C. em Creta, onde encontraram identificações por ideogramas da chamada escrita Linear A feitas em jarros, cujos recipientes eram utilizados para armazenamento de vinho (GUARINELLO, 2008).

Ainda na Antiguidade, houve a contida característica religiosa e aristocrática dada ao consumo de vinho, tornando-se comum a diversas culturas. Foi na Assíria, segundo se acredita, que se fixaram os principais rituais desse consumo, se espalhando pelo Mediterrâneo em seguida. Após o século IX a. C., o consumo de vinho se expandiu consideravelmente, mas ainda vestia símbolo de requinte (GUARINELLO, 2008).

Na cidade de Atenas, o consumo de vinho associava-se à vida em sociedade e as formas de consumo foram se popularizando. Orientadas por festas dedicadas a Dionísio, deus do vinho, eram consumidas grandes quantidades desse tipo de bebida. Essas situações eram narradas vezes outra nas comédias de Aristófanes, por meio de representações de homens ricos ou pobres, mulheres e escravos, bebendo sozinhos ou acompanhados de forma abundante (GUARINELLO, 1997).

Dionísio, conhecido por Baco entre os gregos, trouxe várias versões acerca de sua essência. O vinho, cuja bebida era considerada fonte de prazer, e Dionísio, profundo conhecedor da planta da qual o extraía, a videira, tinham plena integração. Ensinou o homem a cultura da vinha e representado nas festas e rituais frequentemente, ele era associado à fertilidade e ao progresso. Esses traços eram fortes, porém, em sua personalidade continha a ambivalência, pois ao mesmo tempo em que era associado ao prazer, embriaguez e riso, também caminhava pelos povos de maneira livre e com brutalidade (MIGLIAVACCA, 1999).

Essa relação marcante entre Dionísio e o vinho, associava-se à sexualidade, aos sentidos de prazeres. Era altamente festivo e transbordava liberdade e euforia. O oposto ocorria quanto à capacidade de ilusão e entorpecimento dos sentidos, transportando o homem do universo conhecido para o estranho e selvagem. Indiferentemente das circunstâncias, a ordem era perturbada por ele (MIGLIAVACCA, 1999).

Sempre seguido pelas mulheres chamadas de Bacantes (ou Ménedes) que o acompanhava em estado de grande excitação causada pela embriaguez do vinho em suas vagueações, Dionísio divulgava seu culto e ensinava suas técnicas de cultivo do vinho. Em nítida comparação com o vinho: se bebido com moderação aquecia os corações, entretanto, caso consumido sem medidas, causava falta de clareza e obtinha comportamentos degradantes. Mais tarde, festividades eram dedicadas a Dionísio, tornando-se altamente populares na Grécia. Essas sobressaíam às quaisquer outras e se prolongava por cinco dias na Primavera, época do ano em que a videira revelava suas primeiras parras. (SOUSA; NUNES; GONÇALVES, 2006).

Também enunciado como Deus das Belas-Artes, mais especificamente da comédia e da tragédia, Dionísio foi homenageado em festas até por volta do século II a.C.. Com o passar do tempo, foram restringindo o número de pessoas que apreciavam a veneração do culto. Dado período foi marcado pela proibição do senado romano, por se tratarem de alvoroçados cortejos, onde exuberavam máscaras e eram acompanhados de momentos carregados de caráter orgiástico - Bacanais (SOUSA; NUNES; GONÇALVES, 2006).

Contudo, numa primeira fase, o vinho foi fruto de um resultado causal, em que houve a fermentação do mosto com cascas de uva jogadas em um recipiente qualquer, originando, enfim, um líquido com teor alcoólico. (SOUSA; NUNES; GONÇALVES, 2006). Numa outra fase posterior, houve investimento notável na produção de vinho de maneira sistemática e consistente, além da modificação dos modos de se relacionar com tal bebida (GUARINELLO, 2008).

Muitas outras referências são feitas ao vinho. Ainda sobre a história do vinho, a Bíblia (GÊNESIS, 9, 20) diz que Noé ao plantar a primeira vinha, bebeu seu vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de uma tenda. Já na época de Cristo, o vinho era partilhado em festas e celebrações, o qual Jesus chegou a transformar água em vinho como milagre para a celebração de um casamento em Caná da Galiléia (BÍBLIA, João, 2, 1-2):

Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: 'Encham de água esses potes.' Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: 'Agora tirem e levem ao mestre-sala.' Então levaram ao mestre sala.

Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. (BÍBLIA, João, 2, 1-2)

Segundo o Evangelho de João (2:1-2), o milagre acima revelou um ponto de vista emblemático: o casamento representando pela união de Deus com a humanidade, através da figura de Jesus (Deus-e-homem). Em outras palavras, “sem Jesus, a humanidade vive uma festa de casamento sem vinho” (BÍBLIA, João, 2, 1-2). Jesus também entregou seu sangue em benefício dos homens, pois na última ceia, fez do vinho um símbolo de seu sangue: “Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vocês (...)” (BÍBLIA, Lucas, 22, 20). Na última Páscoa celebrada por Jesus, ele indicou o sentido de sua morte, pois se entregaria por inteiro, de corpo e sangue, em favor da humanidade. A esse ato teve como significado seu gesto divino de amor que libertaria os homens de uma vida marcada pelo mal do egoísmo. Para tanto, construiu a Nova Aliança, cujo dom de si para o bem de todos, foram seus principais fundamentos produzidos para a sociedade e que ela se constituísse da mesma maneira (Lucas, 22, 14-23).

Tal ato simbólico de Jesus consistiu em demonstrar para seus seguidores que após a sua morte, sua presença material se faria por meio do pão e do vinho. Tempos depois, a Igreja veio a considerar o vinho em missas somente aquele proveniente de suco de uva natural com a fermentação devida. Bebidas fermentadas ou destiladas de outros tipos não são válidas como matéria para a missa e até mesmo sendo permitido o mínimo de adição de água possível (SANTOS 1990).

Desse modo, de rituais específicos o vinho começou aos poucos a relacionar-se com riquezas devido à mão-de-obra escrava, principalmente na Itália, e a expansão e diversificação nos os meios de produção tornou-o um agente civilizador em outras regiões. O vinho assumiu um papel importante na economia e foi pronunciado como muito mais que uma simples bebida (GUARINELLO, 2008).

Os antigos o consideravam, ao mesmo tempo, como bebida divina, remédio poderoso, presente em quase todas as receitas médicas (mesmo nas de veterinários), um alimento essencial, instrumento de sociabilidade, fonte inigualável de prazer, mas também de vício, símbolo de *status* social, mas também de degradação moral. Para essas culturas, o vinho deixou marcas em todas as dimensões da vida social. (GUARINELLO, 2008, p. 194).

Nesse sentido, a história indica que o vinho não só serviu como meio de aproximação social, nas formas do homem se unir em festividades e busca da divindade, como também fazia parte de algumas curas, já que era utilizado em tratamentos medicamentosos conforme citado pelo autor acima. Por outro lado, o cultivo da videira gerou um “universo material”, onde se ofertava desde serviços de mesa complexos quanto tratava da produção de materiais

para transporte e armazenamento de diversas origens e qualidades. Isso ajudou de certa forma na criação de identidades dos consumidores, tais como entre os assírios, os egípcios, os fenícios, os gregos e os romanos, pelas diferenças de materiais utilizados em dados artefatos (GUARINELLO, 2008, p. 194). Nota-se que tanto o vinho quanto a cerveja acompanharam a vida humana em sua evolução, presentes em diversas culturas e continentes.

Essas bebidas fizeram parte da importante difusão gastronômica mundial e, ainda nos dias atuais, continuam a estabelecer novos sentidos culturais (MARTINELLI, 2000). Trazidos pelas culturas antepassadas incluem-se casos de fraternidade, porém, em muitos casos acabam transformando as relações em estreitas e contrárias à boa saúde como será mostrado no capítulo seguinte. Sendo assim, a preservação do contexto histórico em seus elementos e recursos culturais é um ponto primordial e serve de base para a possível compreensão da relação entre o homem e o uso do álcool nesse novo período. Desvelamentos de sentidos podem ocorrer no caminho a ser percorrido.

1.3 As bebidas destiladas

O vinho e a cerveja se enquadram no grupo de bebidas fermentadas. Portanto, no grupo de bebidas destiladas, pode ser incluídas todas as outras, tais como a aguardente, o uísque, a vodca, o conhaque, o rum, os licores, entre outras. (CAMON, 2003). A vodca e o whisky se assemelham muito à aguardente em termos de compostos, no entanto, se diferenciam quanto ao aroma e sabor característico devido à presença de algumas substâncias (MARTINELLI; SPERS; COSTA, 2000).

Assim como o vinho e a cerveja, cada tipo de bebida destilada tem sua história. Na Antiguidade, além das bebidas fermentadas, também se misturavam bebidas. “Hipócrates⁵ preparava uma bebida a base de vinho, resina e amêndoas amargas” (SANTOS, 1982, p.156). Segundo Santos, (1982), para abrir o apetite, ele tinha por hábito consumir bebidas misturadas com tomilho, hortelã, suco de nabo ou algas secas, dando origem aos cocktails. Algumas opiniões ligam o nome cocktails (rabo-de-galo) à realidade da época em que os médicos norte-americanos tratavam seus pacientes, aqueles portadores de dores de garganta, com uma mistura contendo álcool. Para tanto, usava uma pena longa, tirada da cauda de um galo. Tal mistura passou a ser solicitada, mesmo sem doença.

⁵ Hipócrates foi um ícone ateniense da rejeição a explicações supersticiosas e míticas para os problemas de saúde e como curar doenças.

Na Idade Média, diante da alta taxaço do vinho, das guerras religiosas e da crise econômica do século XVIII, houve um encontro do vinho com o alambique (conhaques). Com tal crise, terras férteis foram transformadas em região árida e deserta na França. Como os impostos não incidiam sobre as bebidas destiladas, produtores passaram a destilar o vinho em quantidades maiores. “Essa ‘queima do vinho’, como então a chamaram, salvou a região”. No século XV, a aguardente constava em receitas médicas (SANTOS, 1982, p.166-167).

Logo, outros modos de preparar as bebidas destiladas, se fizeram presente na história do uso do álcool. Outro dado se revela na esfera dos sistemas coloniais: com os derivados alcoólicos da cana-de-açúcar, o rum e a aguardente, se tornaram imprescindíveis dentro do sistema agrícola e do tráfico de escravos. Antes, propagou-se pelos monastérios europeus e se tornaram produtos de grande difusão com os destilados de cereais e de vinho. Todavia, mesmo perante dados relatados, existe a possibilidade de origem das bebidas destiladas ser árabe. Daí também a origem das palavras álcool e alambique. (CARNEIRO, 2005).

No Brasil, a origem da aguardente chegou por meio dos escravos africanos vindos da África. Pela legislação brasileira a aguardente, também chamada de cachaça ou pinga, é uma bebida destilada com teor alcoólico que varia entre 38% a 54% e outros compostos, incluindo desde a acidez, aldeídos, ésteres, furfurol, alcoóis, metanol e cobre. Esses compostos devem atender um padrão de toxicidade aceitável (MARTINELLI; SPERS; COSTA, 2000).

Além dos processos de industrialização e comercialização, faz parte dos registros como eram as relações do homem com o uso dessas bebidas alcoólicas. Nesse caso, houve abuso de algumas delas gerando excessos e repressões. Surgiram campanhas contra certos destilados, e até mesmo, tendo como consequência proibições em alguns países. Essas são histórias verdadeiras, mas algumas cercadas de mitos e opiniões contraditórias ao mesmo tempo. Algumas bebidas destiladas eram consideradas bebidas abençoadas, outras eram associadas à exploração e miséria. Milhares de pessoas foram presas e floresceu fabricações clandestinas, e mesmo com taxaço excessiva de impostos cobrados, o consumo não diminui até hoje (SANTOS, 1982).

Contudo, é possível afirmar que as bebidas destiladas de modo geral não tenham sido criadas num dado dia e em um local determinado, mas, sobretudo essas nasceram pouco a pouco e sob as mais variadas formas. Vale ressaltar que seu consumo é enorme pelo mundo inteiro, diversificando em seus modos de preparo, modismo, publicidade ou preço. Os sentidos para cada sociedade acerca do uso dessas bebidas forma únicos e se mostram em constante transformação.

2 O CONSUMO DE ÁLCOOL CONSIDERADO COMO UMA PSICOPATOLOGIA

2.1 O uso do álcool: a doença

O uso do álcool visto como fonte de prazer na Antiguidade, hoje pode ser considerado como um problema de saúde pública (BERTONI, 2003). Por meio da história, tivemos a oportunidade de conhecer alguns de seus efeitos positivos, todavia, nos resta explorar como a relação entre o homem e a bebida alcoólica foi transformando os hábitos e costumes: ora são benéficos, outrora são causadores de destruição.

À medida que concentrações urbanas cada vez maiores se instauravam, principalmente com a Revolução Industrial, a produção e a comercialização do álcool destilado aumentaram, tornando a bebida alcoólica mais barata. Esse processo transformou a vida econômica social das populações e mudou profundamente a forma do homem se relacionar com a bebida (GIGLIOTTI & BESSA, 2004). Até por volta do século XIX, não existia uma significação ampla que expressasse a existência de uma dependência às drogas, incluindo álcool. Não se fazia distinção entre o desejo e a compulsão pelo ato de beber. Consumir álcool excessivamente poderia demonstrar ausência de controle ou bom caráter, mas não era visto como doença (CARNEIRO, 2002).

O outro lado da moeda se revelou. Ao mesmo tempo em que o álcool produzia alegria e irmandade, também rompeu vínculos afetivos e sociais, impulsionando a agressividade, discórdia e dor. De um lado existiu, e ainda existe, a face dos significados positivos – como vinho para a Igreja Católica ou no luxo da culinária e das transações internacionais, podendo custar milhares de dólares um produto, de outro, o uso abusivo desses produtos pode gerar uma grave perturbação de saúde pública no mundo, pois possui funções ambíguas ao homem (GIGLIOTTI & BESSA, 2004).

Embora o abuso da bebida alcoólica não fosse tratado como um vício, uma doença, correspondia como algo destituído de moralidade. A falta de controle do uso do vinho, por exemplo, era profundamente danoso à ética e moral, sendo, portanto, uma droga na linguagem recente. Mesmo possuindo efeitos ambíguos, era não só aceito, mas valorizado, permeando o meio como agente de prazer. Proporcionava impressão na alma e não tinha como alvo central a sociedade (GUARINELLO, 2008).

A doença do vício se constituiu no século XVIII. Em 1804, uma nova entidade nosográfica surgiu como marco histórico na sociedade, por meio da concepção da embriaguez

como doença feita pelo autor Thomas Trotter⁶. Para ele, o hábito de se embriagar seria uma doença mental. Após, houve uma crescente intervenção do Estado relacionada à disciplinarização e medicalização das populações nas tentativas de erradicação de doenças contagiosas e prevenção quanto aos maus preceitos éticos e morais. Bêbados e viciados se incluíam com destaque nos quadros dessas doenças. Para tanto, houve planejamento de campanha para extinção do vício, vazando nos Estados Unidos um movimento massivo pela sobriedade (CARNEIRO, 2002).

O controle epidemiológico impunha-se para um comportamento socialmente infeccioso como o alcoolismo. Também as mulheres e a maternidade eram alvos especiais, pois os nascimentos deveriam ser regulados evitando-se os riscos de procriação de filhos de bêbados, homossexuais, viciados, loucos, etc. Assistia-se o nascimento pleno do bio-poder (CARNEIRO, 2002, p. 4).

Adotou-se uma teoria orgânica da doença para explicar os comportamentos humanos relacionados ao uso de álcool - e outras drogas, a fim de manter a medicina tradicional clínica e individualista. Em oposição com a reforma social e sanitária da saúde pública, bem como a abordagem ambientalista, o olhar estava voltado aos estudos bacteriológicos. Portanto, o que mudou no século XIX foi a junção de forças socioculturais e políticas que deu poder aos conceitos de vício, dependência ou embriaguez (BERRIDGE, 1994 apud CARNEIRO, 2002, p. 5). Na época, a ontologização do mal junto com a construção da nosologia levou à construção de mais um elemento: “adição, e suas vítimas, os aditos” (CARNEIRO, 2002, p. 5).

Com o fator do aumento populacional, houve um momento em que os sujeitos passaram a viver mais tempo, quando aumentaram as doenças crônicas, gerando deficiências ou incapacidades, mais especificamente. Para tanto, a Classificação de Doenças - CID⁷ veio inicialmente como forma de responder à necessidade de informar as causas de morte, sendo alvo de interesses para ampliação, reduzindo a códigos outras situações de pacientes hospitalizados. A partir da sexta revisão, passou a classificar todas as doenças e motivos da consulta. A mais recente está na décima revisão - CID-10, no entanto, outra família de classificação foi criada - CIF, tendo em vista ser utilizada em conjunto com a primeira. Uma se trata para informações para diagnósticos gerais, enquanto a outra com enfoque em informações acerca de procedimentos médicos, cirúrgicos incapacidades, entre outros (DI NUBLIA & BUCHALA, 2008). Em função disso, a partir de 1967, o uso excessivo de álcool foi considerado como Síndrome de Dependência pela Organização Mundial da Saúde, por

⁶ Médico e autor. Foi quem referiu ao alcoolismo como doença pela primeira vez.

⁷ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, ou de forma abreviada CID-10, é a mais recente revisão da Classificação de Bertillon de 1893.

prejudicar a saúde física e social do sujeito. No século XX, o termo dependência assume a condição de patologia para a maioria dos cientistas dessa área (BRITO; SENA; BERTONI, 2009).

Em 1927, a Associação Americana de Psiquiatria - APA passou a ser encarregada de publicações de diagnósticos por meio de uma nomenclatura compartilhada de doenças, denominado Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM. Tais manuais serviam como alternativas às edições CID criada pela Organização Mundial da Saúde. Na sua versão V, o álcool entraria para o grupo de transtornos relacionados ao uso de substância, juntamente com as demais drogas. Concluiu-se a hipótese do transtorno estar ligado à predisposição genética, observado em quadros de alcoolismo em filhos portadores do transtorno, mesmo estes tendo sido criados por outra família. Ou seja, o sujeito com predisposição para a dependência ou uso abusivo do álcool seria uma possibilidade, com categorias para esse quadro de doença: o abuso de álcool episódico, o abuso de álcool contínuo e a dependência de álcool (CIRIBELLI, 2012).

Ao contrário ser visto como um mero adorador do álcool até então, hoje o sujeito que possui problemas relacionados a essa droga, é caracterizado por profissionais da saúde como portador da síndrome de dependência do álcool (BERTONI, 2003). A nomenclatura diz respeito à proposta de Griffith Edwards e de Milton Gross, em 1976, caracterizada por um conjunto de sinais e sintomas de ordem fisiológica, cognitiva e comportamental, estendendo-se para outros fatores, tais como o estreitamento de repertório de beber, o nível de tolerância, a síndrome de abstinência, a saliência do comportamento de uso, o alívio ou a evitação dos sintomas de abstinência pelo uso do álcool, sensação subjetiva de necessidade de beber – desejo, e a reinstalação da síndrome após a abstinência. Para Edwards, a relação entre o sujeito e sua forma de beber está alterada, onde as razões pelas quais levou o sujeito a consumir álcool se adicionam àquelas que são próprias da dependência – sujeito em abstinência (GIGLIOTTI & BESSA, 2004; FIGLIE & PAYÁ, 2015).

Para Gigliotti e Bessa (2004), a Síndrome Dependência Alcoólica é um transtorno que se estabelece ao longo da vida, que depende não só da interação de fatores biológicos, mas culturais. O modo como o sujeito se relaciona com a bebida alcoólica é o que define o quadro. Nesse caso, o surgimento dos sintomas da abstinência é de total significância, já que o sujeito passará a ingerir o álcool para aliviar esses sintomas, gerando o desenvolvimento e a própria manutenção da dependência (GIGLIOTTI & BESSA, 2004).

Para tanto, a dependência alcoólica surge como o segundo problema que mais causa destruição em níveis de degenerescência orgânica, e ficando em primeiro lugar contando com os casos de efeitos colaterais: mortes decorrentes de brigas, acidentes no trânsito, etc. Possui ação fulminante duzentas vezes maior que o tabaco, matando cem vezes mais do que juntando todas as outras drogas. Quando associado a outras drogas, a combinação de seus componentes torna-se incongruentes podendo trazer danos graves e até irreversíveis ao sujeito usuário. Há violência extrema contra si mesmo o ato de embriagar-se em demasia e em sequencial ao outro muitas vezes, não só por meio de acidentes, mas quando essa forma violenta se estende através de brigas e desentendimentos com outras pessoas (ANGERAMI-CAMON, 2003).

Os tipos de bebidas alcoólicas usadas interferem no fator doença, já que as fermentadas são consideradas altamente benéficas ao organismo do homem quando tomadas em doses moderadas - média de dois copos diária. Quando tomadas em excesso causam lesões e destruição. No entanto, as bebidas destiladas possuem teor de álcool superior ao das bebidas fermentadas sendo destrutivas invariavelmente: uma simples dose de qualquer uma delas provoca sangramento no estômago de forma imediata. Além disso, provoca embotamento de consciência e reflexos mentais, ocasionando degenerescência da vítima alcoolizada, na maioria dos casos. Tendo como teor alcoólico superior ao das bebidas fermentadas. O fato de o sujeito estar viciado em álcool de alto teor faz com que sua procura seja por bebidas com componentes alcoólicos cada vez maiores. Sendo assim, um sujeito alcoólico refere-se àquele que ingere grande quantidade de bebidas destiladas diariamente. Nesse caso, se tal sujeito alcoólico tiver boa condição financeira, embebe-se de uísque, vodca, conhaque, caso contrário, embebe-se de cachaça (ANGERAMI-CAMON, 2003).

Outro fator relacionado ao uso do álcool refere-se à moderação, pois depende do modo de interpretação de cada sujeito. É muito comum a confusão feita com o beber socialmente, já que inclui o modo padrão de consumo aceito pela sociedade, porém, não significa que seja a maneira adequada de se enxergar a questão. O uso do álcool não traz propensão da dependência a todas as pessoas. Para que isso aconteça, existem as condições biológicas, psicológicas, sociais e ambientais, variando dos pontos de vista médico e de outras áreas afins, atreladas à vulnerabilidade e suscetibilidade do sujeito à dependência do álcool (HECKMANN & SILVEIRA, 2009).

Nas bebidas alcoólicas, o etanol e outros componentes, tais como metanol, aldeídos, ésteres, butanol, histaminas, fenóis, ferro, chumbo e cobalto, responsáveis pela diferenciação de seus sabores e para a maturação ou fermentação desses produtos, cai rapidamente na corrente sanguínea e é distribuído para a maioria dos órgãos e sistemas do organismo. As calorias fornecidas pelo álcool são

vazias de nutrientes, tais como minerais, proteínas e vitaminas, e alguns sujeitos metabolizam o álcool melhor que outros. A forma de ingestão patológica pode ocorrer frente à alteração biológica devido ao uso abusivo do álcool de forma frequente (HECKMANN & SILVEIRA, 2009).

É importante ressaltar que a dependência do álcool revela um conjunto de fatores que não se esgotam por aqui. As evidências de que fazer uso pesado do álcool, apontam para o consumo cada vez mais frequentes, seja em homens ou mulheres. Esse padrão vem se tornando mais comum até mesmo nos sujeitos que não possuem o diagnóstico de dependência do álcool (HECKMANN & SILVEIRA, 2009). A partir dessa perspectiva, deve ocorrer investigação quanto aos critérios para o abuso e a dependência do álcool, quando os problemas procedentes do uso excessivo do álcool se tornam frequentes nas diversas áreas de atuação do indivíduo, como na família, no trabalho e na saúde física (HECKMANN & SILVEIRA, 2009).

2.2 O alcoolismo e a sociedade

Na contemporaneidade, onde o vício é cada vez mais constante: em alimentos, em roupas, em carros, em estética, inúmeras ações tomam características compulsivas. O vício em drogas é indubitável o mal do século. Sintetizado nas formas do viciado e traficante, esses são os personagens “demonizados” da paranoia pública. Estimulados pela mídia de forma excessiva, os comportamentos compulsivos são apenas consequências às novas formas de condução do mercado (CARNEIRO, 2002).

Transitando pela história do uso do álcool na época antiga e atual, o uso do álcool aparece de modo a fazer parte inseparavelmente das relações do homem. O papel da mídia na contemporaneidade aponta para indução desse uso cada vez mais elevado: sol, mar, beleza e alegria servem como sinônimos de consumo de cerveja muitas vezes. Essas propagandas são expostas às crianças e adolescentes, e aos pais que banalizam o tema e estimulam a experimentação. O hábito de se beber com moderação ou dentro do convívio social - socialmente, aparentemente inofensivo, pode vir a tornar a pessoa tolerante à bebida, transformando num problema de alcoolismo e, conseqüentemente, de saúde pública (BERTONI, 2003).

Desde a Idade da Pedra, o álcool existe, portanto, campanhas contra essa droga iria contradizer a história. Certamente, nem todos que fazem uso do álcool tornam-se

dependentes, mas existem usos nocivos que levam a milhões de homens comprovarem a dependência. O hábito de beber álcool é taxado como o símbolo da felicidade e faz parte da identidade nacional a exemplos claros nas propagandas de cerveja. Todavia, ao contrário do que permeia no imaginário social relacionado à felicidade e à alegria, o álcool é a causa de um número significativo de patologias individuais e sociais (CARNEIRO, 2002).

No Brasil, o uso abusivo do álcool é o de maior relevância na atualidade comparado às outras drogas, produzindo maior número de destilados do mundo; quarto lugar em produção de cerveja, destinando 90% ao próprio mercado interno. Em dado momento, houve a proibição da venda ou do consumo de álcool e esse não foi o melhor caminho. Nos Estados Unidos a vigência da “Lei Seca”, o comércio foi impulsionado, consumindo ainda mais (BERTONI, 2003).

No século XX, houve expansão do consumo de drogas e, ao mesmo tempo, surgiram diversas formas de proibicionismo. Houve separação entre as indústrias farmacêuticas, as do tabaco, as do álcool, entre outras, por meio de estatuto que resultou em agigantamento de lucros nos ramos das substâncias proibidas. A experiência da Lei Seca perdurou de 1.920 a 1.934, fazendo surgir máfias poderosas e a considerável máquina de policiamento que foram unidas na comum exploração de tais lucros (CARNEIRO, 2002).

Da dependência metabólica e à cirrose, até aquelas que geram violência nas famílias ou nas ruas – acidentes de trânsito, agressão física ao próprio corpo ou a outrem, entre outros. Para a prevalência do uso do álcool, são diversas razões vindas através de séculos de vivências, vislumbrando consolo físico e espiritual do sofrimento. Remédio para a dor da alma é o mais escolhido. No século XIX a cultura do uso do álcool também fez parte do processo fundador da psicologia como ciência, cujo conhecimento baseado no funcionamento do espírito e a classificação das instâncias do pensamento serviram como objetivos de estudo e foram acionados como principais meios de averiguação. As drogas representaram um importante instrumento técnico para o conhecimento da mente do homem, pois ainda continua a fazer valer seu papel principal na parcimônia da sua libido (CARNEIRO, 2002).

Na medida em que a demanda pelo prazer químico cresceu, instituiu-se um sistema proibicionista que se apoiou à guerra contra as drogas. Esse sistema é baseado num discurso médico-jurídico, gera lucros e violências extremos, e não tem servido para agregar valor positivo, como visto desde o surgimento da “Lei Seca” de 1919 nos Estados Unidos. A história dessa guerra, com seus aspectos socioeconômicos e políticos, ainda está sendo escrita impreterivelmente. À moda global, os veículos químicos de prazer cresceram como principal

mercadoria, influenciando de maneira direta os setores da economia, sociais e culturais (CARNEIRO, 2002). O que se faz sorrir, ao mesmo tempo não tem graça.

Tendo em vista o momento atual, marca-se ao mesmo tempo, uma era que o consumo colossal do álcool surge como formas de preenchimento do vazio constante pelas carências de bens, matérias ou serviços. Coube à comunicação de massa promover o consumo de álcool – e chocolate, tabaco etc., constituindo meios de “ser feliz” através de uma imposição ao prazer que o consumo proporciona. O homem, aquele que julga refletir e questionar, tem sido presa fácil das publicidades endinheiradas. A dependência alcoólica compreendida até então como fruto da interação entre sujeito, o álcool e seu contexto sócio-econômico-cultural, é um dos maiores problemas enfrentados atualmente, favorecendo o surgimento de patologias associadas pela busca do poder e da fama (MACEDO, 2007).

Além da não valorização da interioridade do sujeito, supervaloriza-se o não pensar no que vem a seguir, ou seja, nas consequências. Criam-se mentalidades antropocêntricas, “ecocidas”, “homicidas”, “suicidas” pela busca incessante do prazer como bem supremo, convertendo para o uso excessivo do álcool. Para tanto, essa seria a grande solução para o mundo desumanizado e repleto de carências. A dependência do álcool representaria “a possibilidade de escape de sentimentos de fracasso e impotência, assim como o evitar da dor psíquica, gerados a partir de ideias homogeneizantes e absolutos” (MACEDO, 2007, p. 66).

O dinheiro acaba executando um poder na sociedade capitalista, retratando uma ideologia de consumismo exacerbado, reduzindo o sentido do “ser” ao “ter”. Em torno disso, existe o questionamento se é realmente necessário viver para “ter”- consumir. É relevante ressaltar que existe certa falsidade das sociedades que incentivam o uso do álcool, já que provocam problemas equivalentes ao de outras drogas, trazendo prejuízos psíquicos e somáticos. Além disso, os relatos dos sujeitos em tratamento para dependência do álcool retratam sofrimento e sérias dificuldades em superar o quadro clínico, já que envolvem múltiplos fatores e complexos, tais como influência da família, dos amigos, etc. (MACEDO, 2007). Em sua vivência, o sujeito alcoolista:

Para tentar *ser*, aceita viver um *não-ser* e morrer com a fantasia maníaco onipotente de vencer a finitude... é um ser destinado a não-ser, e que, em sua tentativa de ser, entra no caminho da droga, ou seja, do não-ser. Trágico mal entendido, que cedo ou tarde se paga com a vida e, se não chegam à morte, vivem um viver-morrendo com diferentes consequências neuropsicobiológicas e sociais (KALINA, 2001, p. 17 apud MACEDO, 2007, p.71).

O conceito da OMS, divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948 (desde então o Dia Mundial da Saúde), implicando o reconhecimento do direito à saúde e da

obrigação do Estado na promoção e proteção da saúde. Revelou que saúde não significa apenas ausência de doenças, mas o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social (SCLIAR, 2007). Assim, observar a importância das necessidades de políticas públicas, incluindo métodos de intervenção que promovam ampliação da abordagem na redução de danos à saúde do sujeito alcoolista e à sociedade de maneira geral, incluindo o desenvolvimento de ações preventivas, pode fazer vislumbrar garantia a tais direitos.

As faces da mesma moeda perante uma sociedade moralista confunde o sujeito, ora divulgando o bom uso moderado de álcool, ora discriminando sua falta de controle (HECKMANN & SILVEIRA, 2009). Desse modo, políticas proibitivas ou restritivas não cabem ao contexto, mas desmistificar o valor de poder e status social atribuído ao uso do álcool contribui para a diminuição da alienação e rótulos inautênticos (MACEDO, 2009).

3 O ALCOOLISMO E A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

Diante de uma sociedade onde o consumo de álcool é pensado como um vício ou hábito, e não como uma doença inicialmente, tal ato torna-se banalizado. Os dependentes passam a ser encarados como sujeitos doentes somente após o início de um tratamento, tendo em vista alguém que necessita de apoio para recuperação com sucesso. Antes disso, ambiente de medo e angústia é criado constantemente perante o consumo de álcool nessa dinâmica (OLIVEIRA, 2009).

Por falta de percepção dos fenômenos próprios da existência ou, capacidade para discernir entre o adequado e o que destrói, o alcoolismo é uma doença que chega disfarçada por uma rede complexa, envolvendo mídia, indústrias, famílias, entre tantos outros. É incentivada, mascarada e não existe consenso sobre os motivos que levam os sujeitos à dependência (OLIVEIRA, 2009; SIPAHI e VIANNA, 2002).

A dependência do uso de álcool sendo de interesse de diversos setores sociais do mundo implica inúmeras maneiras de se entender o tema. Disso decorre, à luz da fenomenologia existencial, algumas questões serem levantadas em como poderia ser o processo terapêutico de um sujeito dependente de álcool. A compreensão do alcoolismo caracteriza-se por meio de olhar próprio em relação aos fenômenos, e traz considerações acerca do existir humano, tais como liberdade, angústia e culpa (SIPAHI e VIANNA, 2002).

Para Heidegger, todo ente humano (Dasein) existe lançado no mundo, cuidando de sua existência, cuidando de habitar, encontrando-se com tudo que lhe convoca. Viver significa dar conta de um mundo bastante complexo, com inúmeras possibilidades, matrizes, gostos, modos, cheiros, sensações, etc. A nossa condição nesse mundo é a de seres que tem como essência seu existir, ou seja, que não estão constituídos de antemão, mas que se constituem e se constroem existindo, vivendo, caminhando em direção ao futuro.

O futuro é o tempo no qual o homem se realiza, como ser transitório e precário, onde encontra seu limite máximo: a morte (SIPAHI e VIANNA, 2002, p. 87).

O sujeito caminha em direção ao futuro, buscando ser o que ainda não é, ou seja, não é fechado, pré-determinado a fazer algo ou a ser de determinado jeito. O futuro é desconhecido, e por ser desconhecido, é angustiante, contendo as possibilidades e o voto do sujeito não ser mais o que é. É no futuro desconhecido que a possibilidade do uso da droga, mais especificamente, do álcool, se abre em virtude de um viver com menos perturbações. A tarefa de cuidar de si, se construindo momento a momento, não é simples e tampouco sem dor, portanto, faz com que o uso de álcool, pelo menos no início, revele-se como uma das possibilidades de alívio ao cuidado, na incerteza do existir. O início do uso de álcool pode proporcionar uma experiência completamente diversa daquela que a vida cotidiana oferece,

bem como a relação entre o sujeito dependente e o tempo é alterada, aliviando a necessidade do cuidado quanto ao futuro (SIPAHI e VIANNA, 2002).

O modo de o sujeito existir no mundo se difere de outros entes - seres e objetos e inclui ter de conviver com o seu-ser-para-morte e a liberdade de optar por viver ou morrer. Essa condição do Dasein nasce, principalmente, o sentimento de angústia e culpa. A morte – ameaça do não-ser é vivenciada pelo sujeito através do confronto entre a necessidade de realização de suas potencialidades e o perigo de não ser capaz de realizá-las. Já a culpa, vem junto à singularidade do existir, pois o sujeito estando no mundo - ser-no-mundo se convoca a dar conta do seu próprio viver. Perceber esse fenômeno próprio da existência implica sempre escolher ser de um determinado modo, e como tal, com possibilidade de falhar na escolha. Portanto, o sujeito livre, capaz de realizar escolhas e adquirir resultados, também dá significados a sua existência, envolvendo não somente realizações, mas lutas e fracassos (SODELLI, 2010).

No alcoolismo, inúmeras explicações levam o sujeito ao uso: pelo sentimento de pertencimento a determinado grupo, para comemorar algo, para fugir de algo, para relaxar, para estimular, para aliviar, etc., conseqüentemente, levando-o a novo uso pela rápida e intensa sensação de prazer ou ausência de dor. De início existe abertura existencial, após, chega o mal estar. De um modo mais aberto ou mais restrito, o sujeito vivencia suas histórias, e aquele que se tornou dependente, é comum encontrar um mundo não acolhedor ou sem graça. Daí vem a valorização do consumo como via de acesso a um existir mais agradável e pleno, ou apenas suportável e distanciado, disfarçando o modo como se sente (SIPAHI e VIANNA, 2002).

Sabendo da impossibilidade de transferir a tarefa do cuidado da própria existência para outro ente, motivo pelo qual o mundo se tornou inóspito, o sujeito se encontra vulnerável em relação a esse existir, procurando incessantemente minimizar os sentimentos de angústia e de culpa. Por outro lado, o sentido da existência do sujeito está no constante vir-a-ser, com possibilidades, mas não sem rumo, vivendo constante busca pelo sentido, impulsionando-o e pressionando-o encontrar um lugar no mundo e realizar-se – encontrar um sentido para sua existência e que está sob sua responsabilidade. Assim, o sujeito tem que cuidar de ser, tomando para seu cuidado o que pertence à existência: si mesmo, as coisas que estão no mundo e os outros sujeitos (SODELLI, 2010).

Segundo a definição de Heidegger (1993, apud SODELLI, 2010, p. 639), tem-se como cuidado para um vivenciar significativo “o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida

biológica e atender suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros”. O sujeito vivendo num certo tempo e espaço possui capacidade de atribuir significados para sua existência a cada instante que se mostra, porém, também se sustenta por incertezas e contrariedades. Apesar das dificuldades, a livre abertura às possibilidades e às restrições a essa abertura evidenciam escolhas feitas pelo sujeito em detrimento de outras, e com isso, sentidos se movem constantemente em função dessas escolhas ora causando alegrias, ora incertezas (FORGHIERI, 2011).

Ainda para a fenomenologia-existencial, o sujeito precisa ter coragem para viver a própria existência, pois ao abrir-se para abundantes possibilidades, igualmente se depara com a imprevisibilidade das situações, paradoxos e restrições. As dificuldades surgem de forma natural na vida, entretanto, existir de forma saudável consistiria em aceitar enfrentar tais paradoxos e incertezas, estabelecendo contato direto entre amplitude e restrições inerentes à existência. E, ao contrário do existir de forma saudável, o sujeito que se encontra doente, mantém uma relação estreita com o mundo (FORGHIERI, 2011).

O adoecimento existencial ocorre quando o sujeito não enfrenta as limitações e as perturbações sob a luz de possibilidades, não as reconhecendo e tornando-se apático. Dores e sofrimentos podem se tornar intensos e prolongados, e não aceitação de certas condições o leva a afastar-se do significado de seu existir. Sentimentos de revolta, aflição e insatisfação consigo mesmo e com as experiências podem surgir, tornando predominantes em sua vida, passando a existir de forma enfraquecida. Porém, caso a aceitação aconteça, os próprios eventos que acarretam diminuição de recursos particulares ou limitação de condições externas na vida do sujeito podem transformar num estímulo para se dedicar às descobertas ou valorização de possibilidades muitas vezes não percebidas nele. Considera-se de suma importância o reconhecimento das limitações, para que, enfim, o sujeito possa transcendê-las (FORGHIERI, 2011).

Logo, no decorrer das experiências da vida existem os sujeitos saudáveis:

que reconhecem e aceitam a insegurança, limitações e paradoxos de sua existência e têm coragem para assumi-los, envolvendo-se nas situações e enfrentando os riscos para tentar resolvê-las. Desse modo, eles vão gradativamente, abrindo-se às suas possibilidades de existir, desenvolvendo suas potencialidades e conseguindo ampliar, cada vez mais, a compreensão de si e do mundo (FORGHIERI, 2011, p. 55).

Já na direção oposta, os sujeitos que vivenciam momentos de contrariedades, aflição e angústia, sentindo-se predominantemente perturbados e insatisfeitos com sua existência, passam a viver empobrecidamente. Minimizando as potencialidades e se esquivando de algum

modo às adversidades, o sujeito foge à compressão de si próprio e do mundo. Nesse caso, o auxílio a esse sujeito caberia no sentido de resgatar a abertura às múltiplas possibilidades de sua existência (FORGHIERI, 2011).

Desse modo, por meio do uso do álcool o homem busca o alívio do ter que cuidar do seu próprio ser - existência. A dependência como possibilidade de alterar o estado consciente, surge com intuito de diminuir a angústia existencial. Salienta-se que, a singularidade do sujeito em sua condição existencial deve ser compreendida como uma capacidade do ser humano, como algo que possibilita a ampliação da criatividade, e não como uma falha. Esta condição inerente ao ser é que o possibilita a ultrapassar limites e, na qual reside toda a contradição do sujeito, pois ao mesmo tempo em que se possui o potencial de criar a poesia mais bela, se é capaz de pensamentos e de atos de extrema barbaridade contra ao outro ou contra a si mesmo (SODELLI, 2010).

A relação entre o sujeito e álcool é revelada vivencialmente pelos variados padrões de uso, seja em modos controlado, de risco ou nocivo à saúde, todavia, compreende-se o fenômeno da dependência não como uma condição imutável, ou seja, um dependente não está de forma alguma determinado a ser dependente para sempre (SODELLI, 2010). E, voltando o olhar para a sociedade, o sujeito vivenciando o agravamento do mal-estar, sobretudo no modo capitalista de produção e seus modos de lidar com ele, potencializa o pesar do existir. Na sociedade consumista, o sujeito dependente do álcool paga o preço com o corpo pela degenerescência orgânica com o passar tempo a fim de aliviar angústias e depressões (COSTA-ROSA, 2011).

Um tratamento amplo vai desde internações, intervenções medicamentosas, psicoterapias, etc. até dispositivos de saberes envolvendo políticas públicas, mas afinal, “de que se trata, de que se cura, de secura se trata?” (COSTA-ROSA, 2011, p. 89). Por razões quanto ao modo de organização da sociedade e outros fenômenos, alguns já mencionados anteriormente, pode-se dizer que o alcoolismo na contemporaneidade surge pelos recorrentes modos insatisfatórios causados pela própria angústia do existir, entretanto, também como sendo um complemento de ser, com efeitos obtidos pelo prazer extraído do próprio corpo.

Alguns caminhos podem ser traçados perante olhar fenomenológico-existencial junto ao sujeito dependente de álcool que chega para o tratamento. O trabalho engloba um processo terapêutico com abertura à elucidação do sentido da dependência e como ela se dá no dia-a-dia; a ressignificação do tempo, saindo do caminhar imediato ao uso do álcool para uma nova dimensão da vivência temporal; percepção de novos significados quanto a projetos pessoais;

ver recaídas como desafios e não como fracassos; apropriar-se de escolhas, vivendo a própria vida apesar de toda a dificuldade, entre outros que favoreça a abertura para novas significações. Nesses residem, principalmente, a ampliação de suas possibilidades e aprimoramentos do sentido de sua existência (SIPAHI e VIANNA, 2002).

Contudo, a escolha de uma atitude fenomenológica existencial se fundamenta na possibilidade de compreender o sujeito em seu modo excepcional, buscando sentidos à sua existência. Na relação entre o sujeito e o alcoolismo, surge como um meio facilitador, acompanhando-o nos desdobramentos da experiência, lançando mão ao cuidado do estar-no-mundo, se abrindo às possibilidades de forma criativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da imensa vontade de prolongar-se neste trabalho, buscou-se apenas apresentar o tema alcoolismo e o sentido do uso do álcool na contemporaneidade, percorrendo o consumo nos períodos da história e os significados de suas mudanças. É inegável notar que os significados acerca do uso do álcool foram se transformando: antes o consumo se destacava pelo olhar positivo da sociedade, por meio de festas, rituais e celebrações, hoje, aos modos de se relacionar negativamente com tal uso, na patologia, é dada grande ênfase.

Durante o primeiro período da pesquisa, o álcool se mostrou como possibilidade de união entre os povos, havendo investimento e desenvolvimento nos meios de produção e expansão comercial, bem como associações às ordens místicas. O uso de álcool ia além das sensações de prazeres corpóreas, pois existia exaltação maior nas vivências dedicadas às culturas de fé nas divindades – deuses e Deus, nas quais o uso era fortemente associado a essas. A descoberta do vinho e da cerveja na antiguidade ao acaso, por exemplo, também pode remeter a ideia do quão o álcool foi importante para a constituição da história da própria humanidade. Ainda hoje, a visão de confraternização é igualmente forte, porém, junto à relação entre o uso do álcool e o sujeito em “demasia” – dependência veio consequências de fatores intrapsíquicos e extrapsíquicos tais como percepções emocionais instáveis, degenerescência orgânica, rompimento dos laços familiares e comunitários, entre outros.

Mesmo com o prestígio atribuído ao uso de álcool, considerando o modo ser-saudável nos primeiros tempos, os excessos do consumo não eram bem vistos. O sujeito que aparentemente perdia o controle da bebida era considerado fraco, já que o conceito de doença – o alcoolismo é um dado recente. As repercussões individuais e sociais não estavam centradas no processo sujeito e sua saúde, ou seja, as necessidades subjetivas basicamente não eram levadas em conta, havendo julgamentos e conceitos pré-definidos em relação ao sujeito que se via destituído de controle ao uso de álcool, sendo igualada à visão desse não obter princípios morais e éticos concomitantemente.

No decorrer do tempo, foi sendo possível perceber tratamento não adequado ao alcoolismo - e que antes não era visto como alcoolismo, principalmente no que se referia à necessidade de valorização do sujeito em sua totalidade, desconsiderando os fatores psicológicos e socioculturais. Assim, após a definição dos conjuntos de sintomas relacionados ao uso do álcool como doença, movimentos que optaram por vislumbrar caminhos de compreensão acerca da relação entre o sujeito e a dependência de álcool, traduzindo a

preocupação em promover aprofundamento nas intervenções com foco no sujeito em si, foi de suma importância para a constituição de políticas públicas contrárias à proibição. Já que nesse último caso, a experiência não foi favorável à resolução do problema. Nessa perspectiva, do modo de ser-saudável de antes, passou para o modo de ser-doente posteriormente.

O sujeito em sua vivência na dependência de álcool, no modo de ser-doente, não se dedicando a criar experiências satisfatórias, no que diz respeito em se lançar para o futuro, sem metas por mais simples que sejam rumo ao desconhecido, com posições de não enfrentamento aos sentimentos de angústias, perdas, frustrações o tempo inteiro, acaba por se restringir ao cuidado de si, diminuindo as possibilidades de mudanças significativas quanto a sua existência. Não é algo imutável, dependendo de escolhas próprias do sujeito. Em função disso, encarar desafios, promover construções de políticas públicas e intervenções baseadas em trabalhos humanizados em favor da responsabilidade, da dignidade, e do respeito poderia servir como mecanismos de auxílio com resultados positivos no processo com um todo.

Assim sendo, buscou-se aqui não esgotar a pesquisa, mas expor o intuito de traçar novos planos para métodos e desenvolvimentos de abordagens que se dediquem ao sujeito em seu modo integral, na singularidade de sua condição humana, rompendo preceitos e/ ou expressões inautênticas acerca do alcoolismo. Por conta das dificuldades de traçar uma linha conceitual sobre as manifestações dos fenômenos ocorridos com os sujeitos dentro dessa dinâmica, são de fundamental importância buscar constantemente recursos a fim de acompanhá-los no processo de resgate a valores pessoais e sociais não dissociáveis das culturas em geral.

A escolha de uma atitude fenomenológica-existencial se fundamenta principalmente na possibilidade de compreensão do sujeito singular, assumindo-o como sujeito de escolhas e infinitas possibilidades. Esse não é o único caminho, mas quem sabe um caminho adequado para a busca de uma vivência com maior sentido e presença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGERAMI-CAMON, V. A. **A psicoterapia diante da drogadicção: a vida nos drogados.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 154 p.

BERTONI, L. M. Reflexões sobre a História do Alcoolismo. **Revista Hispeci e Lema,** Bebedouro-SP: Unifafibe, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CARNEIRO, H. A fabricação do vício. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 13., 2002, Mariana. **Anais Eletrônicos.** Mariana, 2002. p.9-24. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/t_hen1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. **Revista Outubro,** v. 6, n. 6, p. 115-28, 2002. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/17912742/978919136/name/necessidades+humanas+-+h+carneiro.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: questões & debates,** Curitiba, v. 42, n. 1, p. 71-80, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

CIRIBELLI, C. O uso de droga no dsm: uma revisão histórica. **Clínica & Cultura,** v. 1, n. 1, p. 57-67, 2012.

COELHO-COSTA, E. R. A bebida de Ninkasi em terras tupiniquins: o mercado da cerveja e o turismo cervejeiro no Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo,** Alagoas, v. 5, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1764>>. Acesso em 13 mai. 2017.

CISA. **História do álcool.** Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/artigo/234/historia-alcool.php>> Acesso em: 29 mar 2017.

_____. **Álcool: origem e composição.** Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/artigo/235/alcool-origem-composicao.php>>. Acesso em: 29 mar 2017.

DI NUBILA, H. B. V.; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** São Paulo, v. 11, n. 2, p. 324-335, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa.** São Paulo: Cengage Learning, 2011. 81 p.

HECKMANN W, S. CM. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In: Andrade AG, Anthony JC, Silveira CM. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri (SP): Minha Editora; 2009. p. 67-87.

_____. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 97-110, 1996. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2017.

GIGLIOTTIA, A.; BESSAB, M. A. Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos Alcohol Dependence Syndrome: diagnostic criteria. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 11-13, 2004.

GUARINELLO, N. L. A civilização do vinho: um ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 275-278, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141997000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 15 May 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141997000100009>. Acesso em 06 mai. 2017

_____. O vinho: uma droga mediterrânea. In Beatriz Caiuby Labate et al., (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador : EDUFBA, 2008. p. 189-197.

MACEDO, S. P. et al. Dependência alcoólica: influências da contemporaneidade. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v.5, n.5, p. 64-74, 2007.

MARTINELLI, D. P.; SPERS, E. E.; COSTA, A. F. Ypióca–Introduzindo uma bebida genuinamente brasileira no mercado global. O desafio das exportações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. São Paulo, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: <http://pensa.org.br/wp-content/uploads/2011/10/Ypioca_introduzindo_uma_bebida_genuinamente_brasileira_no_mercado_global_2000.pdf> Acesso em: 13 mai. 2017.

MIGLIAVACCA, E. M. Jogo de opostos: uma aproximação à realidade mental através do mito de Dioniso. **Psicologia. USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 297-309, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 mai. 2017.

OLIVEIRA, B. P. **Alcoolismo: vivência familiar de uma doença social**. 2009. 149 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SILVA, J. S.; ALVES, A. **Tecnologia em gastronomia: Cerveja Artesanal**. Disponível em: <http://famesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2014/tcc/famesp_juliana_souza_silva.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2017.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 503-507, 2001.

Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2017.

_____. A dependência de drogas e a fenomenologia existencial. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, n. 11, p. 85-92, 2002.

SIQUEIRA, F. **Mensagens que chegam pela manhã**. São Paulo, Lura Editorial, 2014.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 637-644, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2017.

SOUSA, L.; NUNES, M.; GONÇALVES, C. **O vinho na antiguidade clássica**: alguns apontamentos sobre lousada. *Oppidum*, n. 1, Câmara Municipal de Lousada, 2006, p. 69-85. Disponível em: <http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Revista%20OPPIDUM/O_vinho_na_antiguidade_classica_pp.69-85.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.